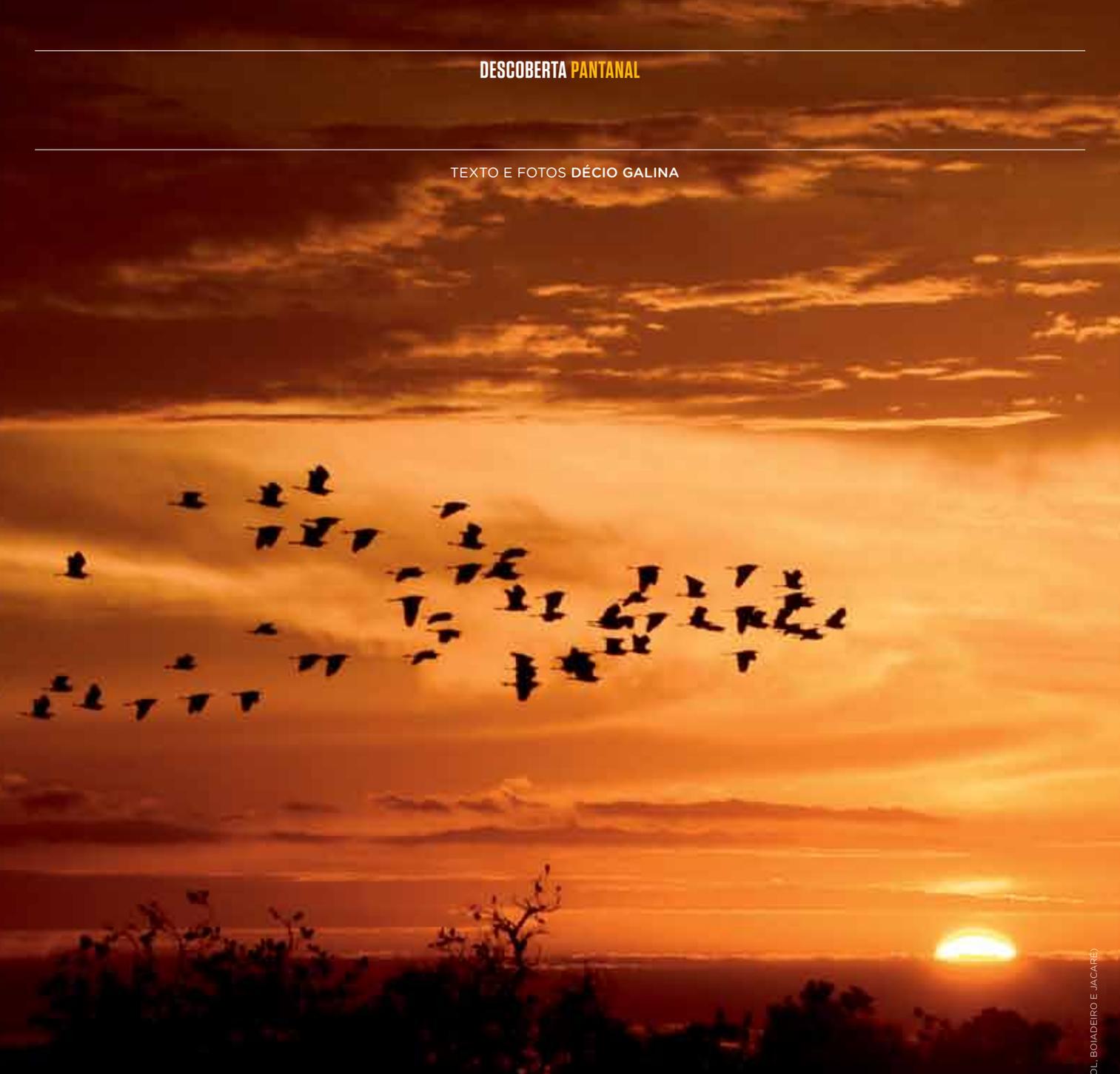


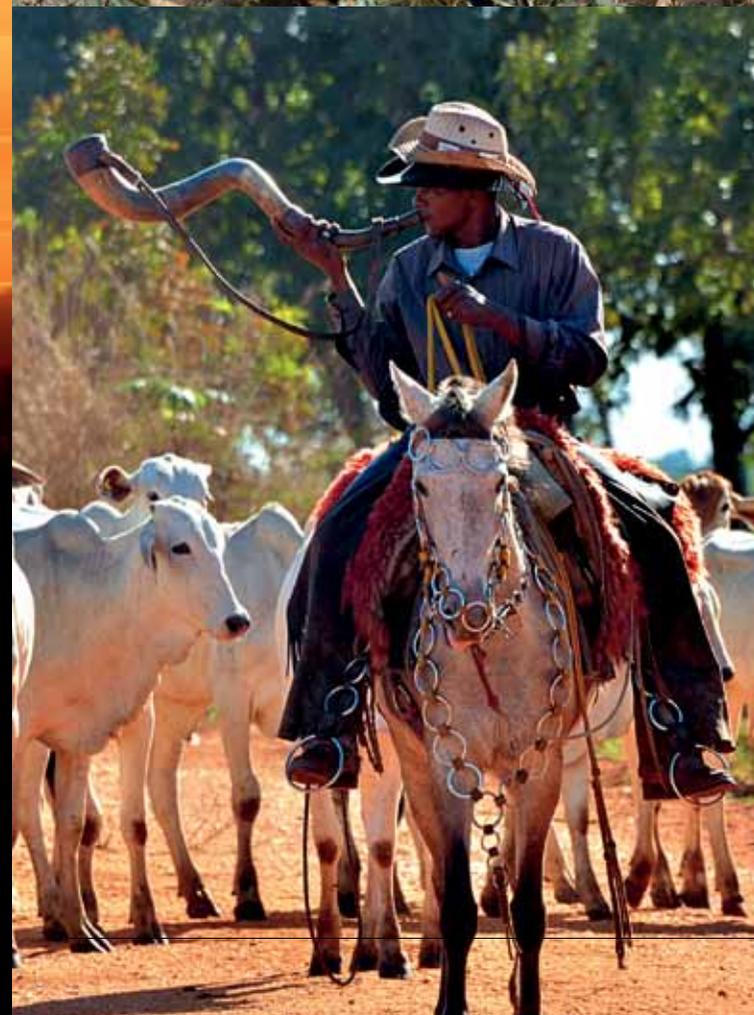
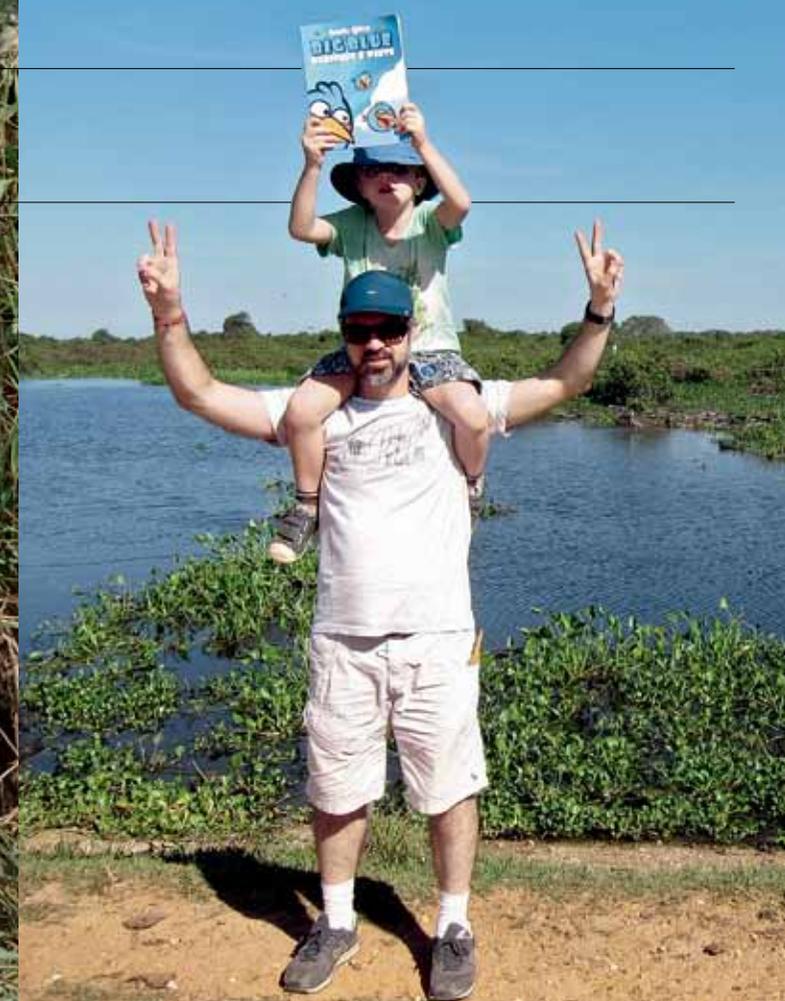
TEXTO E FOTOS DÉCIO GALINA



O PANTANAL É ANIMAL

O jornalista Décio Galina levou seu filho Nicolas, 6 anos, para uma aventura pela vida selvagem. Após uma semana curtindo espetaculares voos rasantes de toda espécie de pássaros, vigorosas batalhas aquáticas entre peixes e aves e pencas de jacarés ao sol, ele ouviu do pequeno: “Foi a melhor viagem da minha vida, papai”

FOTOS SHUTTERSTOCK (ONÇA), MARCIO MAIRA (PÔR-DO-SOL, BOIADEIRO E JACARÉ)



O barulho do motor da lancha parece um mantra e não atrapalha o passeio pelo corixo do Moqué, um canal estreito e temporário do rio Cuiabá, no sul do Mato Grosso. Uma explosão de cores bem contrastadas pela luz de fim de tarde expõe pássaros apressados após o expediente de rasantes, voos panorâmicos e batalhas aquáticas; grupos de macacos se lançam na copa das árvores, galhos viram trapézio e eles voam em acrobacias ensaiadas desde os primórdios; ariranhas com a cabeça fora da água giram o pescoço como um ágil periscópio; jacarés às pencas, na praia, olhando para a lanchinha de modo quase insolente, como se aquele motorzinho quebrasse o feitiço do pôr do sol e os fizesse suspirar, lamentando: “Ah, lá vêm eles; os humanos

chegaram, eles gostam dessa hora que o céu fica com manchas rosa...”. De fato, somos uma minoria bem sem graça e esporádica por aqui. Os tuiuiús parecem saber disso, não se dão ao trabalho de fugir, seguem elegantes, com seu metro e meio de altura, 3 metros de asas dobradas sobre pernas finas, passos lentos, bico de 30 centímetros empertigado, donos do pedaço. Um pouco mais adiante o filhote de capivara tropeça no barranco, tenta de novo, patina, escorrega, não consegue subir, uma bolinha de pelúcia em dificuldades; a mãe estanca, olha pra trás, senta, assiste à cena sem pressa – e você pode achar que estou exagerando, mas tenho a impressão de que ela sorri, juro. Tudo acontece ao mesmo tempo, por todos os lados, hora do rush da vida selvagem, no Pantanal.

O motor é desligado, o barco estaciona na baía formada no final do corixo e viramos espectadores da balbúrdia animal. Um cabeça-seca voa baixo e o guia emenda:

– O cabeça-seca é um pássaro que se alimenta principalmente de peixes. Ele tem esse nome porque não tem penas na cabeça e, por isso, não pode colocá-la na água.

– Mas, se come peixe e não pode molhar a cabeça, como é que ele faz?

– Repare que ele tem um bico bem comprido... Ele é assim justamente para conseguir pescar sem se molhar.

– Hum... Eu acho o martim-pescador mais bonitinho, papai.

Bater papo com o filho de 6 anos e aprender curiosidades de algumas das

NO CORIXO DO MOQUÉM, NO SUL DO MATO GROSSO, PODE-SE CONTEMPLAR PARTE DA BIODIVERSIDADE DO PANTANAL, QUE É HABITADO POR 650 ESPÉCIES DE AVES, 80 DE MAMÍFEROS E 50 DE RÉPTEIS



FOTOS MARCIO MAIRA



650 espécies de aves, 80 de mamíferos e 50 de répteis do Pantanal, no corixo do Moqué, é dessas situações na vida em que você fica com vontade de chorar só de lembrar (de novo, prometo que não estou exagerando). A cena acontece durante um passeio fluvial de cerca de 2 horas disponível para os hóspedes do Sesc Porto Cercado. Fica a 40 quilômetros de Poconé e a 145 de Cuiabá, uma estância ecológica às margens do rio Cuiabá, colada à maior unidade de conservação particular do Brasil, a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Sesc Pantanal, com 107 mil hectares. O corixo do Moqué é um dos dez passeios oferecidos pelo hotel, que conta ainda com três piscinas, sala

de jogos, dois parquinhos, cinema, borboletário (viveiro hemisférico de 300 metros quadrados e 9 de altura, com 1.500 borboletas de várias espécies), academia de ginástica, quadra de vôlei de areia, campo de futebol, um museu interativo sobre o Pantanal (Centro de Interpretação Ambiental), arborismo... Trata-se de um dos destaques da rede hoteleira pantaneira – eu e Nicolás (“foi a melhor viagem da minha vida, papai”) passamos uma semana nas férias de julho do ano passado; gostamos tanto que repetimos a dose este ano. No momento em que o inverno seco incomodava a saúde das crianças em São Paulo, nos mandamos para dias de sol forte, umidade agradável e ani-

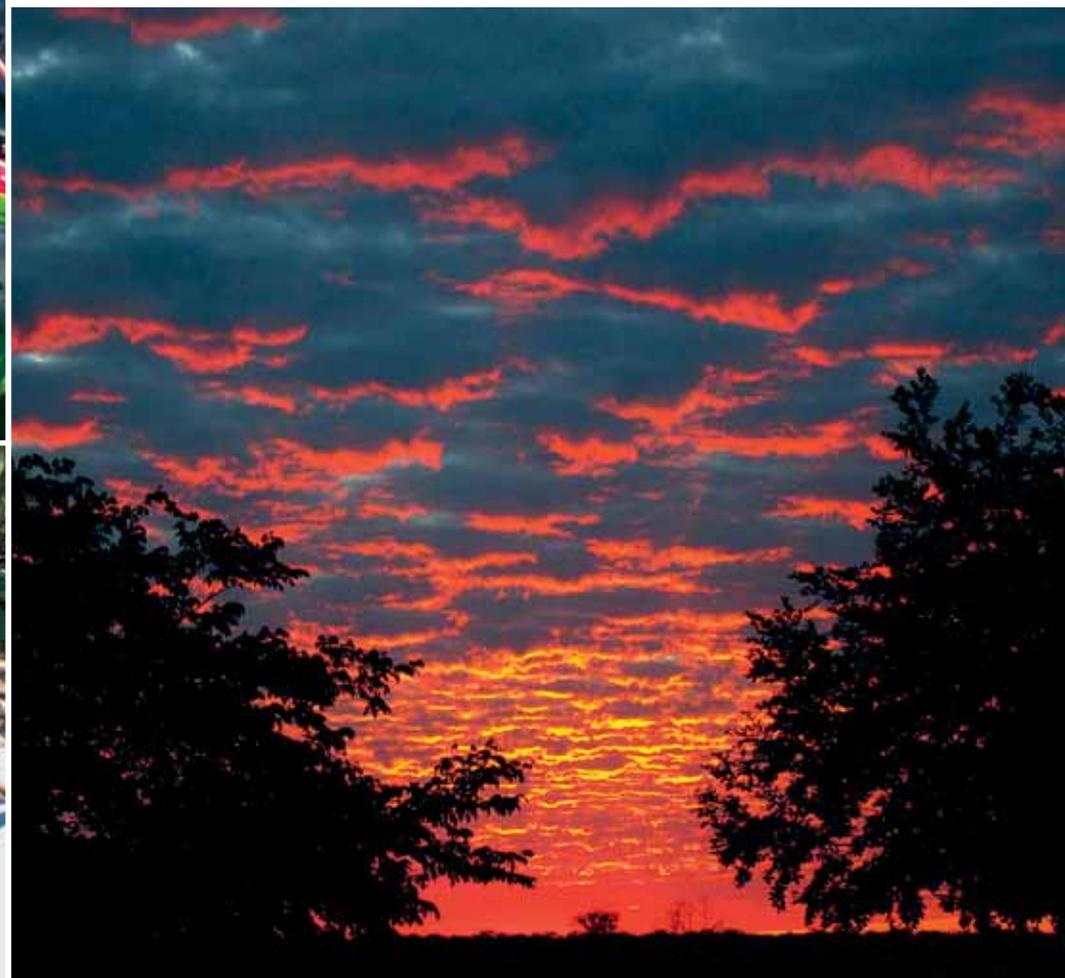
Nicolas, 6 anos, mostra para a amiga Daniela, 3, as belezas do passeio no corixo do Moqué. Na página ao lado, dois tuiuiús (à esq.); e o gavião-carijó



DESCOBERTA PANTANAL



No sentido horário, a partir da foto ao lado: Nico e Décio pedalandando quadriciclo; o pantaneiro Dito Verde; Centro de Interpretação Ambiental (Sesc Pantanal); macaco durante passeio; borboletário; entardecer na região; Nico na Transpantaneira; e ariranha fazendo uma boquinha



mais fora das jaulas (período de seca, melhor momento para ver os bichos na beira dos rios). Numa época em que famílias já se acostumaram a carimbar o passaporte para os parques da Flórida, é difícil entender por que tão pouca gente leva seus filhos para ver de perto espetáculos nacionais como o Pantanal – vem gente do mundo inteiro visitar o que está a cerca de 2 horas de voo de São Paulo (para Cuiabá, e 2 horas de traslado até o hotel).

“Infelizmente, existem muitos destinos no país que são pouco conhecidos dos brasileiros”, diz a oceanóloga e geógrafa paulista Luana Lacaze de Camargo Casella, 41 anos, professora universitária de turismo que esteve na região em julho deste ano. “No Panta-

nal, o turismo é mais contemplativo, sem compras, sem luxo, embora com bons serviços.”

Luana conta que já viajou com o marido e os dois filhos (Theo, 8 anos, e Beatriz, 5) para as Cataratas do Iguaçu (PR), Costa dos Corais (AL), Florianópolis (SC), Jericoacoara (CE), litoral norte da Bahia e Chapada Diamantina (BA). “Decidimos ir para o Pantanal porque sempre escolhemos destinos que possam agradar pais e filhos. A favor do Pantanal, pesou a oportunidade de vermos vários animais no seu próprio ambiente, em um dos lugares do Brasil que ainda estão bem preservados.” Um “detalhe” foi definitivo para a decisão: a chance de ver onças. Chance que virou realidade: a família

de Luana não só viu onça, como viu três. “Já no primeiro dia do passeio de barco avistamos uma deitada, na beira do rio Cuiabá. Ela ficou lá, se espreguiçando, sem se importar com a nossa presença”, recorda Luana. “As outras duas apareceram no terceiro dia, nas margens de um corixo do Cuiabá. Estavam separadas, mas soubemos que eram mãe e filha.” Luana se hospedou no Hotel Fazenda Santa Tereza, no quilômetro 66 da Transpantaneira, na região de Poconé. “O dono da pousada [o biólogo americano radicado no Brasil Charles Munn] disse que, se passarmos pelo menos três dias aqui, a chance de ver onça é maior que 90%.” Para Theo, primogênito de Luana, é legal ir para o Pantanal “porque tem bastante bichos”;

FOTO LUANA CASELLA (ARIRANHÁ)

O PANTANEIRO BENEDITO ROSÁRIO – QUE PARECE TER SAÍDO DOS POEMAS DE MANOEL DE BARROS – ADORA RECEBER OS TURISTAS E TOCAR VIOLA DE COCHO, QUE ELE MESMO PRODUZIU

a caçula, Bia, concorda, e acrescenta que “lá tem muitos bichos diferentes dos de São Paulo”.

Para Nicolas, meu filhote, um dos passeios mais bacanas das duas temporadas foi visitar a casa de Dito Verde, o pantaneiro. Benedito Alves Rosário, 65 anos, tem nove filhos, casou-se seis vezes, mas hoje mora sozinho, à beira do rio Cuiabá, em uma casa de pau a pique construída por ele (um cômodo sem energia elétrica e uma cozinha anexa, com paredes vazadas, feitas de madeira). Seu Dito – que parece ter saído dos poemas de Manoel de Barros – adora receber os turistas, falar sobre sua rotina e tocar viola de cocho, que ele mesmo produziu. “Acordo todo dia três da manhã, ouço rádio e vou pescar

de canoa. Depois volto, aparo o terreno, arrumo a cerca, cuido da plantação [mandioca, laranja, caju, banana...], recebo o pessoal, descanso... Como peixe todo dia. Pacu e piranha são os que mais gosto.” Nicolas conhece, fora da água, o que já havia visto dentro do rio: a jacá, um grande cesto que serve como geladeira para o pantaneiro. Depois de pescar, o local conserva os peixes na água, dentro da jacá, que fica com a boca para fora do rio, impossibilitando a fuga dos pescados. Sobre o folclore regional, seu Dito não acredita que a história do Minhocão (enguia gigante que fica nas profundezas e ataca pescadores) seja uma lenda. “Ele existe porque uma vez eu o vi cavoucando embaixo d’água”, garante.



VOOS PARA CUIABÁ (CGB) — GOL

ORIGEM	SAÍDA	CHEGADA
Porto Velho (PVH)	14h30	16h20
Campo Grande (CGR)	09h37	10h46
Brasília (BSB)	12h21	12h50
Rio de Janeiro (GIG)	22h32	00h17
São Paulo (CGH)	14h54	16h10
São Paulo (GRU)	09h20	10h30

Acesse www.voegol.com.br para mais opções de voos ou consulte seu agente de viagens. Voos sujeitos a alteração sem aviso prévio.



Onde ficar

HOTEL SESC PORTO CERCADO

Final da MT-370 (Estrada Poconé-Porto Cercado), a 145 km de Cuiabá. Tel.: (65) 3688-2000. www.sescpantanal.com.br. Passeios de R\$ 5 a R\$ 35. Pensão completa por pessoa a partir de R\$ 112 (comerciário) e R\$ 224 (não comerciário); crianças (de 5 a 10 anos) R\$ 28 (comerciário) e R\$ 56 (não comerciário).

HOTEL FAZENDA SANTA TEREZA

(South Wild Pantanal) Transpantaneira, km 67, região de Poconé. Tel.: (65) 9606-6601. www.southwild.com (site só em inglês). E-mail: charles@southwild.com. Pensão completa para casal a partir de R\$ 470; diária em quarto duplo na balsa-hotel a partir de R\$ 1.200.

Alugue um carro



LOCALIZA Aeroporto Internacional Marechal Rondon. Av. João Ponce de Arruda, s/n, Jardim Aeroporto, Várzea Grande. Tel.: (65) 3682-7900. Central de reservas: 0800-9792000. www.localiza.com.br.

A maioria dos passeios do Sesc Pantanal não dura mais de 2 horas, o que deixa tempo suficiente para tomar um picolé e um banho de piscina antes das refeições. Certa vez, após o jantar, deitamos nas espreguiçadeiras ao redor da piscina para ver o céu entupido de estrelas. Nico considerou ser uma boa oportunidade para, enfim, ver uma estrela cadente e, conseqüentemente, ganhar a chance de fazer um pedido (digamos que São Paulo não está entre os dez melhores lugares do país para ver estrelas cadentes). Não precisamos esperar muito e... zum! Uma estrela cadente risca o céu. Na hora, Nico começa a apalpar os braços e as pernas... E logo lamenta...

– O que foi, filho, está tudo bem?
– Você me enganou... Disse que eu poderia fazer um desejo se aparecesse uma estrela dessa... Eu queria virar o Ben 10 [herói de desenho infantil], e não virei...

Enquanto procurava acalmá-lo, vi outras cadentes, mas preferi não fazer muito alarde depois de tamanha decepção. Pouco depois, entramos em um passeio noturno: a focagem fluvial – no barco, com uma lanterna possante, o guia ilumina os olhos dos jacarés. O tour está longe de empolgar como os passeios diurnos de lancha para ver dezenas de jacarés nas mais diversas situações e distâncias (às vezes a menos de 2 metros). Mas isso pouco importa. Nicolas pega no sono, curtindo a brisa no rosto. Então, o guia desliga o motor e a lanterna. Boiamos em uma escuridão que une rio, mata e céu em um preto só. Olho para cima e contemplo mais uma chuva de cadentes. Não desejei outra coisa a não ser estar ali, fazendo carinho no cabelo do Nico, dormindo no meu colo.



The Maple Bear Generation

Educação Infantil
Ensino Fundamental

A excelência da educação bilingüe canadense com o currículo brasileiro em uma escola perto de você.

Encontre uma escola:
www.maplebear.com.br



O melhor da educação